



**A VIDA PÚBLICA DAS PLANTAS**

**POR ARTUR KON**

ARTUR KON

1.

-

A vida  
pública das  
plantas

FADE IN

-  
2020  
p. 2

Imagens de uma floresta de manhã:  
a câmera passeia pelas árvores lentamente  
em meio a uma claridade esbranquiçada,  
sugerindo uma névoa ligeira,  
pontuada por barulhos esparsos.  
No canto inferior direito da tela aparece:  
" 'The oak and the reed', by Jean de La Fontaine"  
Não há tradução dessa legenda.  
Ainda sobre as imagens da floresta,  
letreiro com o título do filme em inglês:

" THE SECRET OF WEED "

NARRADOR (*traduz*):  
A VIDA PÚBLICA DAS PLANTAS

FADE OUT

-

A vida  
pública das  
plantas

NARRADOR:

Conversando certo dia disse o carvalho ao junco...

"Você tem bons motivos para reclamar da natureza.

- Até um passarinho é um fardo pesado para você.

2020 Um ventinho à toa que faça enrugar

A superfície da água

p. 3 Obriga você a baixar a cabeça.

Por outro lado, minha frente,

Não contente em segurar os raios do sol,

Enfrenta bravamente a tempestade.

Para você tudo é vento violento.

Para mim, brisa suave.

Se você nascesse abrigado pela folhagem

Com que eu cubro a vizinhança,

Não iria sofrer tanto: Eu defenderia você da chuva.

Mas vocês costumam nascer

Nas bordas úmidas do reino do vento.

A natureza, apesar de tudo,

Com você parece injusta."

- "Sua compaixão", respondeu o arbusto,

"É sincera, eu sei, mas não se inquiete:

Para mim, os ventos não são tão terríveis:

Eu me curvo e não me quebro.

Você tem esse corpo grande

E resiste sem entortar,

Mas espera chegar o fim."

Enquanto diziam essas palavras,

Lá no horizonte furiosamente surgiu

A mais terrível das tempestades

Que os ventos do norte podiam trazer.

A árvore tentou resistir, o junco se curvou.

O vento redobrou seus esforços.

E tanto fez que destruiu

Aquele que tinha o céu como vizinho de cima

E as raízes no andar de baixo.

-

A vida pública das plantas

2020

p. 4

Imagem do globo terrestre visto do espaço, girando.  
Corta para a imagem de um anel viário:  
a cidade ao fundo, muita vegetação,  
os carros andando em fast forward.  
Corta para um campo com o mato alto,  
onde flores amarelas desabrocham em fast forward.  
Corta para um dente-de-leão em close  
(aparece a legenda "DENTE-DE-LEÃO")  
desabrochando em fast forward.  
Corta de volta para o campo  
onde as flores são atropeladas por uma moto  
e em seguida arrancadas por um cortador de grama  
em câmera lenta.  
Corta para um zoom da haste da flor:  
do corte sai uma gosma branca  
em câmera lenta.  
Corta para outro dente-de-leão em close  
sobre o qual há uma abelha  
que sai voando em velocidade normal  
(ouvimos o seu zumbido).  
Corta para o cortador de grama visto de frente  
com uma música de filme de terror.  
Corta para outro modelo de cortador  
que deixa pedaços de grama cortados grudados na tela.  
Corta para dentes-de-leão cortados caídos no chão  
sobre as flores que lentamente murcham  
abelhas ainda tiram últimas porções de pólen.  
Corta para as flores amarelas cortadas caídas no chão  
murchando em fast forward e sendo substituídas  
pelas esferas brancas de sementes  
que logo são levadas pelo vento.  
Corta para um céu azul  
na frente do qual passam voando em câmera lenta  
sementes de dente-de-leão.  
Corte para um close de uma única semente voando.

FADE OUT PARA BRANCO.

-

A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 5

NARRADOR:

Sem plantas verdes não poderíamos respirar nem comer. Um milhão de lábios movediços na face inferior de cada folha cuida de devorar dióxido de carbono e expelir oxigênio.

Ao todo, cerca de 65 milhões de quilômetros quadrados de superfície foliar vêm-se diariamente envolvidos nesse milagre da fotossíntese, produzindo oxigênio e comida

para os bichos e o homem.

Dos 375 bilhões de toneladas de alimentos que consumimos por ano, a maior parte provém das plantas, sintetizada por elas, do ar e do solo, com a ajuda da luz solar. O restante é fornecido por produtos animais que, por sua vez, derivam das plantas.

Através da doçura da fotossíntese é que se tornam nossos a comida, a bebida, os inebriantes, as drogas e os remédios que mantêm o homem vivo e radiantemente saudável, quando usados com acerto. Amidos, gorduras, óleos, ceras, celulose - tudo isso é produzido pelo açúcar.

Do berço à sepultura, o homem recorre à celulose para a obtenção de abrigo, roupas, combustível, cestos, fibras, cordas, instrumentos musicais, bem como do papel no qual ensaia sua filosofia.

A agricultura - como bem sabe o economista - é a base da riqueza de uma nação. Instintivamente advertidos das vibrações estéticas das plantas, que são satisfatórias do ponto de vista espiritual, os seres humanos se sentem mais felizes e possuídos por maior bem-estar quando convivem com a flora. Requisitos indispensáveis à mesa, ou em festividades, são as flores, que acompanham ainda o nascimento, o casamento, a morte. A primeira coisa que uma mulher pensa em fazer, para dar mais vida a um cômodo, é enfeitá-lo com um vaso ou uma jarra de flores.

E a maioria dos homens, se instados, é capaz de descrever o paraíso, seja no céu ou na terra, como um jardim.

-

A vida pública das plantas

Câmera passeando por uma floresta vista de cima.  
Corta para câmera dentro da floresta, fazendo um giro de 360°.

2020 - Corta para câmera de cima novamente, fazendo um zoom out desde o chão.  
Corta para câmera dentro da floresta, rente ao chão, filmando de baixo pra cima.  
Corta para close de fruta.  
Corta para outra fruta.  
Corta para uma terceira fruta.  
Corta para câmera na mão, andando pela floresta e oscilando.  
Corta para vista de satélite do continente, se aproximando lentamente.  
Aproxima rapidamente para uma região pequena.  
Aproxima rapidamente para uma cabana.  
Corta para câmara parada na floresta, com um homem mais velho, branco, europeu, abrindo frutas com um facão.  
Corta para o homem de frente para a câmara, falando.  
Volta para câmera de cima, passeando pela floresta.  
Corta para o homem em sua casa, falando, sorrindo e gesticulando.

p. 6

-

A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 7

NARRADOR:

O dogma aristotélico de que as plantas têm alma, mas não sensações, atravessou a Idade Média e perdurou até o século XVIII, quando Carl von Linné, o grande pioneiro da botânica moderna, declarou que as plantas só diferem dos bichos e do homem por sua falta de movimento, conceito esse que seria derrubado pelo famoso botânico do século XIX Charles Darwin.

No início do século XX, um talentoso biólogo vienense com o nome gaulês de Raoul Francé lançou a ideia, chocante para os filósofos da natureza contemporâneos, de que as plantas movem seus corpos com uma liberdade, um desembaraço e uma graça tão grandes quanto o homem ou o bicho mais capacitado - e que só não apreciamos isso pelo fato de as plantas se moverem a um passo bem mais lento que o nosso.

As raízes das plantas, disse Francé, escavam perscrutantemente a terra, os brotos e vergôntes giram em círculos definidos, as folhas e flores vergam e tremem com as mudanças, as gavinhas se enroscam inquiridoras e se estendem com braços fantásticos para sondar o ambiente.

Apenas por não se dar ao trabalho de observá-las é que o homem julga as plantas desprovidas de movimentos e sensações.

-

A vida pública das plantas -  
2020 p. 8

Imagem de um campo verde.  
Imagem mais próxima, flores crescendo em câmara rápida.  
Imagem mais próxima, insetos se alimentando das folhas, borboletas nas flores.  
Imagem distante, pessoas colhendo as mesmas plantas com instrumentos de jardinagem.  
Corta para veado comendo um arbusto.  
Corta para imagem de uma artemísia.  
Zoom para uma larva de grilo saindo do caule da artemísia.  
Em câmara rápida, a larva vira um grilo e sai do quadro.  
Corta para uma família de pássaros no meio do mato alto.  
Corta para o primeiro arbusto de flores pegando fogo.  
Corta para uma bota pisando o mesmo arbusto.  
Imagem do arbusto murchando em câmara rápida.  
Zoom de uma flor do arbusto murchando em câmara rápida.  
Imagem de um trator revolvendo o solo e lançando as ervas no chão.  
Corta para a erva brotando desde uma semente, em câmara rápida.  
Câmera lenta da roda do trator esmagando a erva.  
Imagem do solo misturado com a grama cortada.

-

A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 9

NARRADOR:

As plantas são capazes de intento, garante ainda Francé. Longe de levarem uma existência inerte, os seres vegetais - ou o que os antigos helenos chamavam de *botáne* - percebem e reagem ao que acontece em seu ambiente a um nível de sofisticação que ultrapassa em muito o dos homens. Parecem capazes de reconhecer e perseguir o que querem de maneiras tão intrigantes quanto as mais fantásticas criações romanescas. Reagindo com tal precisão, presteza e diversidade ao mundo exterior, as plantas, no entender de Francé, devem ter algum meio de se comunicar com esse mundo, algo comparável ou superior aos nossos sentidos. Malgrado terem sido vistas, quase universalmente, como insensíveis autômatos, as plantas são agora consideradas capazes de estabelecer distinção entre sons inaudíveis para o homem, bem como entre cores que correspondem aos comprimentos de onda do infravermelho e do ultravioleta e que nossa visão não capta. São especialmente sensíveis aos raios X e à alta frequência da televisão.

Há mais de um século e meio, Francé, que concedia às plantas todos os atributos das criaturas vivas, inclusive a reação mais violenta contra os desmandos e a gratidão mais ardente pelas atenções, poderia ter filmado um *A vida pública das plantas*.

ARTUR KON

9a.

-

A vida pública das plantas - 2020 p. 10 Paisagens inverniais. Neve. Árvores mortas. Zoom no solo coberto de neve. Em câmara rápida, a neve derrete, a água penetra o solo. Milhares de sementes começam a germinar. Diversas imagens em zoom de flores dos mais diferentes tipos se abrindo em câmara rápida. Trilha sonora: *Here comes the sun*.

9b.

Zoom numa flor de trevo se abrindo.  
Uma abelha pousa numa flor de trevo.  
Vê-se as pétalas secas debaixo das recém-florescidas.  
Zoom e câmara rápida das pétalas do trevo murchando e ficando acumuladas na parte de baixo da flor.  
Três flores de trevo.

LEGENDAS:

Flor de dente-de-leão.  
Stellaria pubera.  
Lobelia chinensis.  
Flores de abóbora japonesa. Mariposas.  
Cacho de flores de erva-de-bicho.  
Erva-férrea.  
Algodoeiro silvestre.

9c.

Capim-colchão brotando e dando flores em câmara rápida.  
Planta balança e solta pólen no ar, em câmara lenta.  
Zoom de uma gramínea com uma flor de cinco pétalas.  
Vemos seus sacos de pólen no fim de filamentos curvos que crescem até se soltar do centro, esticando-se de repente e lançando pólen no ar. Várias imagens sucessivas dos filamentos disparando um após o outro.  
Um mosaico com seis imagens simultâneas dos filamentos disparando pólen.  
Corta para primula se abrindo à beira de uma estrada por onde passam muitos carros fora de foco. É noite.  
Zoom da flor se abrindo, vemos filamentos viscosos cheios de pólen.

ARTUR KON      Corta para trapoeraba de um azul intenso. Lentamente  
-                seus estames e pistilos se desenrolam para fora da flor,  
A vida           e voltam a se enrolar para dentro da flor que se fecha e  
pública das     parece murchar.  
plantas

-  
2020

Legenda: FLOR CLEISTOGÂMICA.

Legenda: VIOLETA SEM FLORES.

p. 11

Legenda: BOTÃO DE OURO.

-

A vida pública das plantas *O cientista começa a falar em inglês, mas a voz logo é sobreposta pela dublagem.*

-

CIENTISTA DUBLADO:

2020 Experimentos demonstram que as plantas podem ser levadas a um desmaio, ou mesmerizadas, pelos seres humanos. Algo talvez semelhante ao ritual do magarefe, antes de um animal ser abatido de maneira correta. Comunicando-se à vítima, o matador pode infundir-lhe tranquilidade e levá-la a uma morte serena, impedindo assim que sua carne conserve resíduos de um "medo químico" desagradável ao paladar e talvez até mesmo nocivo ao consumidor. Isso nos leva a imaginar que talvez as plantas e os frutos suculentos *queiram* de fato ser comidos, mas só numa espécie de ritual amoroso, com uma comunicação real entre o que come e o que é comido - algo afim ao rito cristão da comunhão -, e não na costumeira matança desapietada.

-

A vida pública das plantas -  
2020 p. 13

Imagens de lava, pedra, água, uma terra em caos.  
Corta para uma paisagem desértica, pedregosa,  
inabitável. O chão está fumegante, como se tivesse  
saído do magma de antes.  
O céu cinzento, a água cinzenta, a névoa cinzenta.  
Zoom no cascalho.  
Corta para outra área de cascalho. Sem nenhuma  
diferença marcante.  
Corta para outra imagem de cascalho.  
De repente, do meio do cascalho, emerge um broto verde  
em câmara rápida.  
Milhões de anos se passam em câmara rápida. Vemos a  
paisagem toda se transformar em um jardim.

-

A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 14

VOZ EM OFF:

Domingo, 1º de janeiro de 1989. O jardim fica num chalé construído oitenta anos atrás à beira do mar. Não tem muros ou cercas. Os limites do meu jardim são o horizonte. Na paisagem desolada o silêncio só é quebrado pelo vento, e pelas gaivotas brigando em volta dos pescadores retornando no fim da tarde. Aqui há mais sol do que em qualquer outro lugar do país; isso e o vento constante fazem da costa um deserto pedregoso onde só a relva mais resistente se fixa - abrindo o caminho para o verde-sálvia da couve-marinha, para o azul da viperina, para o vermelho da papoula e para o amarelo do sedum.

Quinta, dia 5. O primeiro açafrão floriu no jardim da frente, um dos bulbos que plantei ano passado em um bolso de turfa no cascalho. Ele lutou pra abrir a manhã toda, finalmente absorvendo a luz quando o sol já estava desaparecendo atrás da casa.

Segunda, dia 9. Fui comprar rosas para plantar. Quando tiver terminado vai ter mais do que trinta espalhadas pelo jardim, perturbando o mínimo possível sua aridez. Andando através das fileiras de plantas enquanto a penumbra se adensa traz sonhos de longos dias de verão, olhando as fotos envelhecidas acima de cada planta. Quando fui pagar, encontrei meu velho amigo André. Ele riu da minha ideia de um jardim no deserto.

Quarta, 1º de fevereiro. Flores brotam e se entrelaçam como ervas pelos caminhos da minha infância. Essas flores de primavera são minha primeira memória, descobertas espantosas; elas brilhavam brevemente antes de morrer, dividindo o encantamento em dias e meses, como o sino que nos chamava para o almoço, interrompendo minha solidão. O sino trazia a necessidade premente daquele outro mundo pra dentro do jardim onde eu estava só. Naquele tempo precioso eu gostava de ficar assistindo o jardim crescer, algo imperceptível para meus amigos. Ali, no meu devaneio, pétalas se abriam e fechavam, uma rosa de repente se desmanchava espalhando-se pelo caminho, ou uma tulipa

ARTUR KON - perdia uma única pétala, sua perfeição arruinada para sempre. De todas as plantas, o dente-de-leão, que sangrava branco quando você o arrancava, era a que mais me dava medo.

A vida pública das plantas

- Sexta, dia 3. Reuni cuidadosamente as sementes e usei o ancinho - pois as papoulas gostam de crescer em solo recém-revolvido. O resto das sementes está espalhado por toda parte. Alguns dos brotos já têm dois centímetros de diâmetro, mas as lesmas parecem gostar particularmente delas e as comem continuamente; elas sobrevivem, não obstante, e logo brotam novamente. Numa vernisage, descrevi meu jardim para uma amiga, e disse que queria escrever um livro sobre ele. Ela disse: "Oh, você finalmente descobriu a natureza!". "Acho que não é bem assim", respondi, pensando nos que muito antes de mim haviam feito algo parecido. "Ah, entendo perfeitamente. Você descobriu a natureza moderna."

Segunda, dia 6. Acendi um cigarro e passei pelo jardim - onde, para minha surpresa, o alecrim agora estava coberto de flores. Essa espécie se provou bastante resistente aqui. Meu vizinho do lado tem um arbusto antigo e retorcido. Todos os livros de jardinagem são enfáticos dizendo que ele odeia o vento, mas você não poderia encontrar um lugar mais exposto do que aqui.

Terça, dia 7. Uma das alegrias que nossa civilização tecnológica perdeu é a excitação com que se recebia as flores e frutos sazonais; o primeiro narciso, morango ou cereja são agora coisas do passado, junto com o momento precioso de sua chegada. Mas talvez minha nostalgia esteja fora de lugar - agora os narcisos são abundantes; e cogumelos, antes um luxo, são colhidos aos quilos.

Terça, dia 13. Todo parque sonha com o Paraíso; a própria palavra é persa para jardim.

Quinta, 2 de março. Com uma coisa você deve tomar cuidado: colher um amor-perfeito à primeira luz do amanhecer, principalmente se estiver coberto de orvalho, certamente trará a morte de um ente querido.

ARTUR KON - Terça, dia 7. O jardineiro escava em outro tempo, sem  
A vida pública das plantas - passado ou futuro, começo ou fim. Um tempo que não fende  
- o dia com horas do rush, pausas pra almoço, o último  
2020 ônibus pra voltar pra casa. Andando pelo jardim você  
passa para esse tempo - o momento de entrada nunca pode  
ser lembrado. Ao seu redor a paisagem jaz transfigurada.  
Eis o amém para além da prece.

p. 16 Sexta, dia 10. Me ocorreu que todos os jardineiros  
da minha infância foram mulheres. No jardim de Miss  
Pilkington havia rosas, mas lírios não. Me pergunto: o  
que foi feito do chalezinho onde ela nasceu mais de 120  
anos atrás? Nesta página ela segue vivendo, o fantasma  
de um jardim, como os espíritos de que ela nunca teve  
medo na velha mansão.

Terça, dia 21. No fundo do bosque, na clareira mais  
secreta, primulas florescem, as únicas que encontrei;  
mas há tapetes de violetas quase escondidos por suas  
folhas de vivo verde. Alguém distraído poderia passar  
por elas sem perceber, já que as flores e folhas criam  
uma camuflagem quase perfeita, o roxo esquivo sumindo no  
verde.

Sábado, 15 de abril. Meu jardim é um memorial, cada  
leito circular o nó de um amor verdadeiro - plantado  
com lavanda, sempre-viva e santolina. A *santolina*, sob  
*domínio de Mercúrio*, *resiste ao veneno e à putrefação*,  
*e cura as mordidas de bestas peçonhentas*. Enquanto um  
ramo de lavanda segurado nas mãos ou colocado sob o  
travesseiro permite que você veja fantasmas, viajando  
para o reino dos mortos.

Quinta, dia 27. Ando neste jardim/ Segurando as mãos de  
amigos mortos/ A geada trouxe cedo a velhice pra minha  
geração.

Sexta, 4 de agosto. Preenchi um questionário para o  
*Sunday Correspondent*. Pergunta: Como você gostaria de  
ser lembrado? Resposta: Como uma flor.

ARTUR KON

13.

-

A vida  
pública das  
plantas

NARRADOR:

*Na verdade a remoção muitas vezes promove a  
proliferação das ervas daninhas.*

-

2020

(...)

*Aliás, o segredo da imortalidade deve estar com as  
ervas daninhas.*

p. 17

(...)

Legenda:

ÚLTIMAS DESCOBERTAS SOVIÉTICAS

-

A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 18

## VOZ EM OFF:

Terça, 12 de setembro. A equipe chegou com o furgão e mais vinte veículos para filmar o comercial usando o chalé como locação. Depois da primeira hora de invasão, joguei as mãos pro alto e fui embora. Grandes toldos e equipamentos de iluminação brotavam por todo o jardim; nas pedras, uma estrada de madeira. Dirigimos pelo pântano por trilhas enevoadas - espinheiros vermelho-sangue franjavam a grama dourada de prados de água ressecada, salgueiros cinza-oliva desaparecendo em uma névoa de opala. Quando voltamos, o jardim parecia um sítio arqueológico. Pelo menos no próximo ano as papoulas florescerão no terreno revolvido.

Segunda, 6 de novembro. Amo as manhãs aqui - acordar com o nascer do sol, café, mingau fervendo e torradas. O silêncio é acachapante. Com apenas um ano, o jardim parece estar aqui há tanto tempo quanto a casa. Agora as flores estão mortas; as pederneiras multicoloridas e os tijolos vermelhos brilhantes moídos pelas ondas dão uma aparência amigável. Não é um jardim sombrio, seus círculos e quadrados têm humor - um anel de fadas para duendes trogloditas - as pedras são uma notação para uma música há muito esquecida, um rondó ancestral ao qual adiciono algumas notas novas todas as manhãs.

Sábado, dia 11. Vim aqui após descobrir minha soropositividade. Por trás da fachada, minha vida está em cacos. Rego as rosas e me pergunto se vou vê-las florescer. Planto minha horta como uma panaceia, leio sobre todas as dores que as plantas curam - e sei que elas não vão ajudar. O jardim como farmacopeia falhou. No entanto, em ver as plantas brotarem há uma excitação que me dá esperança.

Sábado, 9 de dezembro. Esta manhã estava fria e úmida. Os ventos persistentes das últimas semanas deixaram uma linha de detrito plástico na praia pra eu pegar. Com exceção de algumas lavandas, que estão secas e murchas, o jardim sobreviveu.

Domingo, dia 10. Meu alecrim, que tinha morrido durante

ARTUR KON o verão - só um ramo escapou à morte lenta que se  
- apoderou da maior parte da planta - floresceu junto  
A vida com as primeiras flores amarelas do tojo. A papoula  
pública das californiana está crescendo por toda parte: ela  
plantas colonizou o jardim. Em todo cantinho germinou a papoula  
- escarlate: se ela sobreviver ao inverno vai cobrir todo  
2020 o jardim num campo vermelho.

p. 19 Quarta, 3 de janeiro de 1990. Os coelhos comem tudo  
- as papoulas são suas favoritas. A figueira selvagem  
foi despedaçada: grandes galhos foram derrubados e  
descascados, ficando com um branco fantasmagórico.  
Gostaria de saber se a casca do figo é doce e açucarada.  
Os restos do arbusto ficam meio mastigados como bagaço  
de cana e, no final do inverno, vai restar pouco. Vai  
brotar de novo do tronco; mas não admira que tenha  
crescido apenas um metro de altura.

Sábado, dia 20. O inverno cobrou seu preço: o funcho  
morreu, assim como a camomila; várias alfazemas  
murcharam. Mas para cada planta perdida, outras se  
firmaram. As sementes de salsa-de-cavalo que eu plantei  
germinaram; o verbasco está crescendo forte. Procuro em  
vão por sinais de bardana, joaninha e margarida, mas  
encontro a valeriana vermelha.

Sexta, 26. A tempestade deixou sua marca. O poste  
telefônico do lado de fora da minha janela quebrou  
e balançava para frente e para trás com o vento,  
suportado apenas pelos fios. Meu jardim foi destruído.  
Pelo menos metade das estacas de madeira estava  
caída e uma das boias de metal havia desaparecido  
completamente. A casa em si não foi danificada; mas o  
pesado capuz da chaminé voou como um disco e aterrissou  
intacto no cascalho. Muitas das pedras nos círculos  
foram empurradas. Mas a maior perda está entre as  
plantas, que foram queimadas pelo vento salgado e  
parecem muito tristes.

Sábado, 27. Trabalhei no jardim, trocando as estacas  
derrubadas pela tempestade.

Domingo, 28. Reparando o jardim pelo terceiro dia  
seguido. Todas as plantas terrivelmente danificadas:

ARTUR KON  
-  
A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 20

os goivos parecem ter sido fervidos; até a lavanda murchou; e os açafrões mirraram pela raiz. Sob os salgueiros, encontrei a primeira primula do ano.

Segunda, 29. Choveu o dia todo.

Terça, dia 30. Mais chuva. A maior parte dos velhos cedros caiu, ou teve os galhos arrancados pelos ventos.

Sexta, 9 de fevereiro. Replantei uma fileira de couve-marinha no jardim dos fundos, minha primeira jardinagem do ano. De tarde andei até o mar e descobri que as tempestades tinham levado o cascalho, expondo os brotos. Peguei vários dos maiores e os replantei no jardim da frente.

Segunda, 19. contei 77 botões nos narcisos que plantei dois anos atrás. Estão se multiplicando lentamente. Na beira da água a couve-marinha está brotando. As plantas têm folhas pequenas de cinco ou seis centímetros: são de um roxo profundo.

Sexta, 2 de março. De volta ao chalé. A casa estava muito fria. Acendi a lareira, e então caminhei pelo jardim. Todos os narcisos murcharam sob o vento. A couve-marinha avançou um ponto e o sabugueiro brotou pela segunda vez. O jardim parece sob cerco neste inverno. Na minha ausência as ventanias secaram e congelaram tudo. Apesar da chuva as plantas parecem sedentas.

Sábado, dia 3. Uma segunda inspeção do jardim hoje de manhã mostrou que nada se moveu nos últimos dez anos. As mudas de alecrim na janela estão cobertas de flores. No canteiro da frente o jacinto floresceu. A maior parte das flores selvagens está indo bem: a papoula amarela, a sarna e a margarida estão prosperando. A bardana germinou, a atanásia e a mil-folhas com folhas novas. O absinto e a dedaleira sobreviveram ao frio, e muitas papoulas também. A íris está dando novas folhas, assim como a lavanda.

Terça, 20 de março. Muitos dias no hospital. Fico preocupado com meu jardim; todas as mudas de alecrim

ARTUR KON      que nutri com tanto cuidado terão morrido.

-

A vida      Quinta. Minha mente insiste em voltar para o chalé -  
pública das      como eu gostaria de estar pondo a semente no jardim.  
plantas      Se eu conseguir semear até abril não deve ser tarde  
-      demais.

2020

p. 21      Sexta. Estou sentindo uma claridade muito maior esta  
manhã, plantando o jardim em minha mente, semeando  
funcho e calêndula. Quando as enfermeiras vêm trocar o  
lençol eu sugeri que levassem embora todas as flores da  
janela - a vovó nunca permitia flores perto dos doentes,  
dizia que elas sugavam todo o oxigênio.

Sábado, 7 de abril. Perdi o começo da primavera.  
Planejei o jardim em detalhes, não vou sair tarde  
demais pra plantar as sementes pro verão - comecei a  
mudar para as plantas selvagens que crescem na região:  
repolhos, funchos, valeriana, margarida.

Quarta, 11. De volta pro meu jardim.

Quinta, 12. As ventanias terríveis de janeiro deixaram  
um rastro de destruição: a giesta toda morreu; para os  
lados da usina a relva-de-espanha está com um marrom  
seco; não restou nenhuma dedaleira. Mas o velho bunker  
de guerra nada em um mar de jacintos impressionantes. O  
concreto se desintegrou, mas as flores seguem vivendo.  
Segunda de Páscoa. O jardim foi replantado com ajuda  
dos filhos do vizinho, que enfrentaram o cavoucar mais  
pesado.

Domingo 22. Uma carriça minúscula está se movendo pelas  
pedras, quase não vejo. Tem duas delas! Atravessando o  
espanta-diabos prateado. Centenas de joaninhas estão  
rastejando pelas minhas plantas cheias de propósito.  
Este ano, os pulgões foram mortos pelas geadas tardias.  
Os arbustos aparados pelos coelhos, só sobrando um  
veludo musgoso, estão cobertos com as inúmeras estrelas  
de miosótis azuis.

Sunday 6 de maio. Uma semana se passou sem uma nuvem no  
céu. Ao alvorecer a couve-marinha, uma espuma de flores  
brancas, é coberta por pequenas borboletas de cobre

ARTUR KON      bêbadas de néctar. Elas congelam quando minha sombra  
-      cai sobre elas. Mais flores brotaram; mas a giesta foi  
A vida      derrubada nos violentos vendavais de janeiro, então a  
pública das      paisagem é de um cinza sombrio. Há muito poucas flores,  
plantas      e o brilho dourado que tivemos no ano passado não vai  
-      se repetir. Embora tudo esteja mais seco, a maioria das  
2020      plantas parece aguentar. Rego o jardim da frente.

p. 22      Quinta, dia 10. Choveu durante a noite, trazendo  
cor de volta à paisagem. As primeiras íris amarelas  
se abriram, assim como a raspa-saias, o cardo e as  
catacuzes. A azeda deixou todo o chão com um vermelho  
enevoadado. O aroma da couve-marinha é rico e doce. Ao  
amanhecer, quando rego o jardim, o perfume é trazido  
pela brisa. As sementes que plantei há três anos, que  
sofreram no primeiro verão, cresceram em plantas com  
um metro e meio de diâmetro - uma massa de flor branca,  
como os arbustos de buquê-de-noiva que fazem fronteira  
com a linha do pântano.

Quinta 24. Olhando para o lago com olhos doentes, noto  
a giesta queimada, as dedaleiras que desapareceram, as  
papoulas atrofiadas sob a luz seca e clara do sol. Até  
os vimeiros, pretos de tão queimados pelos vendavais,  
sacudem como ossos mortos. As papoulas, que estão em  
flor, são pequenas e atrofiadas.

Sábado, 9 de junho. Stephen ligou pra me dizer que a  
chuva trouxe as flores no chalé.

Domingo, dia 17. Dia tranquilo e feliz, o sol saiu, uma  
leve brisa. Meu jardim está cheio de papoulas; todo o  
trabalho do ano passado levou à perfeição: papoulas  
escarlata, papoulas vermelhas escuras, papoulas do  
campo, papoilas de ópio brancas e roxas. Meu jardim é  
tão claro quanto um parque de diversões com papoulas  
californianas, que semearam a si próprias como nativas.

Segunda-feira 18. As papoulas são levadas pelo vento ao  
meio-dia e o sol desaparece por trás de uma cadeia de  
nuvens. Há brisa, mas está quente e abafado. Stephen  
arrancou ervas daninhas dos círculos de pedra na  
frente da casa. As sempre-vivas amarelo pálido estão  
florescendo, estimuladas pela lavanda.

ARTUR KON

- Terça-feira 19. Dia nublado com momentos de sol. A  
A vida chuva deu verde à paisagem, o musgo está úmido e  
pública das esponjoso sob os pés.

plantas

- Sábado 23. As escovinhas semearam a si mesmas -  
2020 encontrei mais uma num canto do jardim. As papoulas  
dançam ao vento - Julian disse que era ilegal cultivá-  
p. 23 las na Califórnia. O jardim foi queimado pelos ventos  
dos últimos dias, as esculturas desenraizadas e as  
flores arrancadas. A erva-doce está quase paralela ao  
chão.

Quinta, 5 de julho. O jardim está morrendo com o vento;  
pouco será deixado para as filmagens em dez dias. As  
papoulas derramaram a última de suas pétalas. Pego  
a enxada e limpo as ervas daninhas. Nem tudo está  
perdido. Somar urtiga e bons-dias à lista de plantas  
florescendo.

Sexta-feira 6. A prunela cresce ao longo do caminho  
para o mar.

Quarta, 1 de agosto. Não quero morrer... ainda.  
Adoraria ver meu jardim passar por vários verões.

Sexta-feira, 10. O clima abrasador chamoscou o jardim,  
pintando-o de vários tons de marrom: couve-do-mar  
esbranquecidas, sempre-vivas e santolina ocre; vagens  
de tremço pretas.

-

A vida pública das plantas - 2020 p. 24

Um cacto conectado a muitos eletrodos sobre uma mesa. Atrás dela, um senhor japonês vestindo terno dá explicações para a plateia. Ao seu lado, uma mulher japonesa de meia idade, vestida e maquiada como gueixa, espera o senhor parar de falar. Então, ela começa a falar com a planta, apenas poucas sílabas, em japonês. O senhor mexe num instrumento de onde começam a sair sons. A mulher dialoga com a planta.

Corta para um grupo de pessoas, mulheres de meia idade, falando coreano e mexendo em plantas, arrancando ervas daninhas. Zoom das sementes que ficam grudadas em suas roupas. Corta para vacas comendo ervas e defecando. Corta para sementes germinando nas fezes. Corta para formigas pegando sementes, tentando comer substância gelatinosa e açucarada grudada a elas, por fim levando tudo embora. Corta para vagens disparando sementes longe. Diversas imagens sucessivas de vagens lançando sementes longe. Mosaico de quatro imagens de vagens lançando sementes longe.

Corta para sementes germinando e lançando raízes esbranquiçadas no solo, em câmera rápida..

-

A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 25

## ESCRITOR DUBLADO:

Em meados do século XX, um pesquisador na Califórnia ligou duas plantas a um mesmo medidor, e arrancou uma folha de uma delas. A outra planta reagiu ao dano causado à companheira, mas só o fez quando o pesquisador concentrou sua atenção sobre ela. Se ele arrancava uma folha da primeira planta, ignorando a segunda, a resposta não vinha.

Era como se ele e a planta fossem amantes num banco de praça, alheios aos passantes até que a atenção de um deles se desviasse do outro.

Assim ele descobriu que uma planta pode ser despertada da sonolência para a sensibilidade, caso ele abra mão do seu estado normal de consciência e recorresse ao que parecia ser uma parte extraconsciente de sua mente, aí focalizando o desejo exato de que a planta, abençoada por um crescimento saudável, fosse feliz e se sentisse amada.

Mas as experiências com plantas podem ser extremamente perigosas para quem não tem a capacidade necessária para alterar seus estados de consciência. Só quem esteja gozando de perfeita saúde física deve envolver-se com plantas.

-

A vida  
pública das  
plantas

Imagens em preto e branco de um cientista em seu  
laboratório.

Imagens de instrumentos de laboratório.

-

2020

Imagens de duas esferas entre as quais dança um raio  
elétrico, sem explicação sobre a relação disso com o  
tema tratado.

p. 26

O cientista fazendo experimentos com plantas.

Ele mergulha um cotonete em um vidro com um líquido e  
passa nas folhas.

Cenas do mesmo cientista diante de prédios e  
escadarias.

Corta para outro cientista fazendo experimentos com  
plantas.

O segundo cientista diante de prédios e escadarias.

Mais imagens de experimentos, alternando os dois  
cientistas.

Alternam-se imagens em close de seus rostos, ambos com  
um ar melancólico.

NARRADOR: Nenhum dos dois jamais foi apreciado durante  
a vida.

Fade out.

Uma tela dentro da tela alterna imagens dos cientistas  
trabalhando e outras, de plantas brotando, sempre em  
preto e branco.

Dos lados da tela de dentro, arabescos verdes galhos e  
folhas formam uma moldura.

Uma música de elegia começa.

Abaixo da tela, em letras verdes e rebuscadas, vai  
aparecendo verso a verso a letra da música:

*Born to open for  
Mankind nature's door  
A life known by a few  
And those who knew that shared  
Their knowledge fewer cared  
About what plants could do  
For most felt it was mad to conceive  
That plants thought, felt, and moved quite like we  
But with instruments Bose would devise  
Would take science itself by a surprise, so  
On we go to where who knows  
To a place where there's still non-believers*

ARTUR KON  
-  
A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 27

*What will it take for heaven sakes  
For those who find what's real too hard to believe in  
It's that same old story again.  
Born of slaves who died  
Too soon to realize  
The need his life would be  
Selflessly he gave  
His wisdom to a way  
Where first no minds would see  
He said if farm land was to be rich  
We must plant crops to replenish it  
But it took him persuasion and tests  
To convince them Carver's way was best, so  
On we go to where who knows  
To a place where there's still non-believers  
What will it take for heaven sakes  
For those who find what's real too hard to believe in  
It's that same old story again.*

A última sílaba é prolongada por muitos segundos,  
enquanto a imagem da tela interior cresce até ocupar  
toda a tela exterior.

-

A vida  
pública das  
plantas  
-  
2020  
p. 28

NARRADOR:

O cientista indiano Jagadis Chandra Bose contrariou a crença generalizada de que as plantas necessitam de quantidades ilimitadas de dióxido de carbono, descobrindo que, em excesso, esse gás as sufocava, mas que elas podiam ser revitalizadas, como de resto os animais, com oxigênio.

Como os seres humanos, as plantas se intoxicavam com doses de gim ou uísque, cambaleavam como um bêbado, desmaiavam e eventualmente voltavam ao estado normal com claros sintomas de ressaca.

Essas descobertas, junto com centenas de outros dados, foram publicadas em dois volumes compactos em 1906 e 1907.

No fim da vida, Bose sintetizou assim sua filosofia científica:

*Há alguma relação possível entre nossa própria vida e o mundo das plantas? A questão não é de especulação, mas sim de demonstração real por algum método que seja irrefutável. Para tanto, é fundamental nos livrarmos de todas as nossas ideias preconcebidas, a maioria das quais acaba por se revelar absolutamente sem base e contrária aos fatos.*

*Convém que o apelo final seja feito diretamente à planta e não se deve aceitar uma só evidência que não traga sua própria assinatura.*

ARTUR KON

19a.

- Uma planta ligada a eletrodos.

A vida pública das plantas Um pesquisador no laboratório, com jaleco branco, careca e de barba. Ele fuma um cigarro e sopra a fumaça diretamente na planta.

-

2020

19b.

A mesma planta ligada a eletrodos.

p. 29 Vários pesquisadores falando russo em torno a uma mesa de trabalho onde é colocado um repolho. Uma pesquisadora corta o repolho com um facão enquanto os demais observam as reações da outra planta em um aparelho que emite sons de filme de ficção científica.

19c.

Ainda a mesma planta ligada a eletrodos. Ao seu lado, outra igual, sem eletrodos.

Cientistas passam por elas sucessivamente. A terceira se encaminha à planta sem eletrodos, arranca todas as suas folhas e quebra no meio o seu caule.

-

A vida  
pública das  
plantas

-  
2020

p. 30

## ESCRITOR DUBLADO:

Na União Soviética, milhões de leitores tomaram conhecimento da ideia de que as plantas comunicam seus sentimentos ao homem em outubro de 1970, quando o *Pravda* publicou um artigo intitulado "O que as folhas nos dizem".

"As plantas falam, chegam mesmo a gritar", declarou o órgão oficial do Partido Comunista. "A impressão de que se submetem às desgraças e suportam a dor e a exploração em silêncio é apenas aparente."

Lembro também das palavras do horticultor Luther Burbank:

*Nesse mundo, a coisa viva mais renitente, mais difícil de se dobrar, depois de adquirir certos hábitos, é uma planta.*

*Lembre que essa planta preservou sua individualidade através de várias eras; talvez esteja entre aquelas cujo passado remonta às próprias rochas.*

*Não é de supor que, depois de tantas e tantas eras de repetição, a planta tenha adquirido uma vontade, se é essa a palavra, de tenacidade ímpar?*

-

A vida pública das plantas

Um sinal elétrico é captado num monitor, como um aparelho de monitoramento cardíaco.

Um pesquisador diante do monitor aponta para os sinais e diz algo.

2020 Outro pesquisador dialoga com ele.

p. 31 Zoom em uma planta por cujas folhas um dos pesquisadores passa um instrumento de metal. As folhas se fecham.

Uma pesquisadora fixa eletrodos nos dedos de um voluntário, e uma faixa em sua testa.

Ela liga um aparelho.

Imagem de sinais sendo registrados em papel milimetrado, como um eletrocardiograma. De um lado lê-se "PLANT", do outro "SUBJECT".

Imagem de uma planta.

Imagem do voluntário sendo filmado com uma câmera. Ao seu lado, um abajur. Ao fundo, uma espécie de aquário onde se vê a planta da imagem anterior.

Um projetor cinematográfico é ligado. Um vídeo começa a passar diante do voluntário.

Música dramática.

Na tela, uma grande árvore. Por entre os galhos, vislumbra-se o sol.

Imagem da câmera filmando o papel onde são grafados os sinais. A câmera se move para mostrar um televisor onde se vê o que a câmera filmava.

Close no rosto do voluntário. Ele vira para o lado. O movimento da câmera parece acompanhar seu olhar, indo parar na planta dentro do aquário.

Corta para a imagem projetada na tela à sua frente (reconhecível pelas bordas arredondadas). Um jardim.

Uma grande árvore.

O voluntário dentro da televisão, observado pelo pesquisador.

O papel com os sinais sendo registrados. PLANT, SUBJECT.

O pesquisador.

A planta.

A luz do projetor.

Crianças andando de bicicleta.

O voluntário olhando fixamente diante de si.

O pesquisador olhando o voluntário.

ARTUR KON Seios nus de uma mulher tomando banho.  
- O papel sendo grafado.  
A vida Dois pesquisadores observando o experimento em  
pública das diversas telas ao mesmo tempo. O pesquisador diz para  
plantas a pesquisadora (que sorri): *Peguei essa. Ele está indo  
- bem com essa imagem.*  
2020 Uma bomba atômica explode.  
Uma casa pega fogo e explode.  
p. 32 Um prédio explode.  
PLANT, SUBJECT.

-

A vida  
pública das  
plantas

-  
2020

p. 33

## NARRADOR:

T. C. Singh, chefe do departamento de botânica da Universidade de Annamalai, ao sul da cidade de Madras, cogitava se o som, em prescrições metódicas, não poderia favorecer as lavouras e levar a colheitas mais abundantes.

De 1960 a 1963, usando agora vitrola e alto-falante, irradiou a *Charukesi raga* para seis arrozais em diferentes fases de crescimento, e obteve colheitas entre 25 e 60% mais altas, inequivocamente, que a média regional. Foi também capaz de levar musicalmente o amendoim e o fumo a darem 50% mais que o normal. Mais tarde, Singh relataria outra proeza: só ao executar o mais antigo estilo de dança da Índia, o *Bharata-natyam*, sem acompanhamento musical e sem penduricalhos nos tornozelos, um grupo de moças pôde acelerar extraordinariamente o crescimento de margaridas, tagetes ou cravos-de-defundo e petúnias, levando-os a florescer duas semanas antes das plantas referenciais; o fato foi atribuído à transmissão, pela terra, de seus passos de dança.

-

A vida pública das plantas - 2020 p. 34

Imagem de um arbusto contra o sol. Zoom nas suas folhas, há água sendo derramada sobre elas: pela quantidade e intensidade, não parece ser chuva, e nem um regador. Corta para a silhueta de um homem com uma mangueira contra um céu claro.

Imagem do jardim. Parece haver mais pedras do que plantas.

Corta para imagem do chalé, diante do qual um trecho de jardim quase composto só de pedras. Só bem perto da casa vemos flores.

Close nessas flores.

O homem cuida do jardim, criando formas com as pedras.

Uma criança tira um caramujo de uma planta.

O mar e a praia pedregosa.

O homem molha as plantas e as pedras igualmente.

A criança brinca com o caramujo.

Um corvo pousa nas pedras, pega um pedregulho com o bico, e sai voando.

Uma mulher sob o sol no jardim.

Plantas, flores.

O corvo.

Pedras formando círculos.

O homem enterra uma enxada no solo.

O corvo.

O homem planta flores em vasos.

O homem arruma pedras em uma linha.

A mulher toma sol no jardim.

Um arbusto seco.

A mulher se levanta.

A criança leva o caracol embora.

Um jardim ao lado de uma usina nuclear, um jardim de cascalho, pedras e pedaços de metal entre os quais crescem poucas flores, belas e luxuriosas.

-

A vida  
pública das  
plantas

PERMACULTOR DUBLADO:

Existe uma fábula de La Fontaine sobre uma arvorezona e uma arvorezinha. Pode ser um grande carvalho e um pequeno caniço.

-

2020  
p. 35

A árvore grande é orgulhosa de seu tamanho e de sua força e se gaba deles para a pequena. Mas quando chega uma tempestade, a pequena se dobra e sobrevive enquanto a grande cai e morre.

A moral da história diz para sermos como o caniço e não como a árvore grande e arrogante. Mas pensando no que estávamos falando sobre o funcionamento agroflorestal é a árvore grande decomposta que vai alimentar a árvore pequena e todas as outras plantas que nascerão ali depois disso.

A árvore pequena não é menos orgulhosa que a árvore grande quando diz pra ela: "Eu me curvo e não me quebro. Espera chegar o fim."

ARTUR KON

25.

-

A vida  
pública das  
plantas

Fade out.

-  
2020

Ainda com o fundo preto, surge na parte de baixo da  
imagem um trecho de solo de onde vemos emergir um broto  
verde. Câmera rápida.

p. 36

Trilha: *Come back as a flower.*

Sobre a imagem, surge em letras laranjas o começo dos  
créditos: AN INFINITE ENTERPRISES FILM.

A planta segue crescendo por trás dos nomes do diretor,  
do produtor. Suas folhas se abrem por trás dos nomes  
dos roteiristas. Elas se movem ligeiramente por trás do  
nome do produtor executivo. Uma flor surge por trás do  
nome do compositor da trilha sonora.

Mais imagens semelhantes para o resto dos créditos.